
UMA EXPLICAÇÃO.

Os vinte e cinco anos de publicação ininterrupta da *Revista de História*, periódico trimestral fundado e dirigido por Eurípedes Simões de Paula, em 1950, nesta Capital, justificaram a promoção de um número jubilar, em dois volumes, de dois tomos cada um.

O primeiro volume L (100) da *Revista de História*, reuniu 48 artigos assinados por personalidades nacionais e estrangeiras das mais significativas no panorama das Ciências Humanas deste quarto de século.

Para o número jubilar foram convidados a participar especialistas que, de uma forma ou de outra, em diversas ocasiões, vincularam-se à história da *Revista*. Em considerando a problemática editorial de uma edição comemorativa, a “gente de casa”, os colegas do Departamento de História, cerca de 60 docentes, mais os representantes dos funcionários e dos alunos, sugeriu-se que, convidados, iriam colaborar num outro número, o *Jubilar bis*.

Se o número jubilar não congregou todos os convidados, explica-se por razões independentes da tentativa recíproca: endereço incompleto, injunção política, dentre outros, seja o caso de Portugal — onde, aqueles que afetivamente e efetivamente ligam-se à *Revista*, estão com preocupações muito absorventes, fazendo lembrar a senha de Lucien Febvre “O historiador não tem o direito de desertar” (1). Há ainda os deliciosamente indisciplinados, românticos incorrigíveis que, após renovadas solicitações entregaram, ou ainda prometem entregar o labor cujos títulos já tinham anunciado. Colaborações que, conforme o esclarecimento com que se encerra o *Jubilar bis*, deverão ser veiculados nos próximos números da *Revista de História*. Assim como as colaborações prometidas e não entregues no prazo estabelecido, prorrogado a pedido de cerca de um terço dos nossos colegas do Departamento de História, dos representantes dos nossos funcionários e dos ex-alunos (2).

(1). — Febvre (Lucien), *Combats pour l'Histoire*. Paris, pág. 229: 1953.

(2). — Dois números da *Revista de História* (101 e 102), correspondentes aos dois primeiros trimestres do presente ano, já foram distribuídos, mantendo-se inalterável a periodicidade da publicação.

Nesta vertente, desejamos tornar público o convite feito ao Prof. Astrogildo Rodrigues de Mello, ora aposentado, para prefaciар este Número Jubilar. O licenciado em Geografia e História pela primeira turma da Faculdade, da qual teve o privilégio de haver sido o primeiro diretor eleito pela recém instalada Congregação, preferiu marcar sua presença com um depoimento histórico, endereçado à seção de *Fatos e Notas* deste número.

Pergunta-se: esta admiravel receptividade, seria o mais significativo aval à iniciativa, hoje vitoriosa, do então primeiro assistente do Prof. Fernand Paul Braudel, na recém-criada Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo? Expressam calorosa homenagem ao esforço e ao idealismo do fundador e diretor da *Revista de História*.

A repercussão foi massiça nos meios acadêmicos e entidades culturais, tanto em sessões ordinárias, como em Simpósios programados. Os *Anais* do Congresso Nacional e da Assembléia Legislativa Estadual registraram o evento. Os periódicos especializados nos vários setores das Ciências Humanas, ocuparam-se do Número Jubilar, na palavra de doutos analistas.

Da divulgação através da imprensa, não podemos deixar de salientar a iniciativa do Canal 2 (T. V. Cultura — Fundação Padre Anchieta de São Paulo) que lhe dedicou, na primeira quinta-feira de outubro pp, todo um programa intitulado:

“Perfil da Revista de História”.

Para proporcionar uma visão mais ampla de carater informativo e educativo, a montagem partiu das tarefas de composição do periódico, documentadas no próprio *campus* da Universidade de São Paulo. As tomadas de cenas na Gráfica impressora trouxeram para as câmaras toda a equipe de seus profissionais.

Quanto à impressão, outro esclarecimento se impõe: a inexcedível dedicação e igual capacidade técnica dos funcionários da Seção Gráfica da Faculdade de Filosofia. Trabalhando até em horas de lazer, como tarefa extra, imprimem não apenas a *Revista*, mas também outros periódicos e trabalhos departamentais solicitados. Vêm merecendo os mais estimulantes cumprimentos dos autores, unânimes em realçar a importância, a limpidez, a correção, a eficiência em transcrições e, mais ainda, de textos em língua estrangeira, até quando se impõe um processamento específico. Eles, os co-autores de uma obra invulgar.

A importância da *Revista*, como instrumento essencial de trabalho, foi apreciada nas cenas que focaram as consultas dos estudantes, na biblioteca do Departamento de História. Estas são, sem dúvida, cenas do cotidiano que se repetem em outras bibliotecas, ao ritmo habitual das lides estudantis.

Os depoimentos e entrevistas de personalidades exponencialmente representativas da intelectualidade paulistana, convergiram no sentido de mostrar, sob vários aspectos, o posicionamento da *Revista*, no seu caráter específico, como periódico especializado em História. Acentuaram a significação da sua permanência e regularidade exemplares, não muito comuns no campo da publicação dos periódicos em geral; sua presença imprescindível entre professores e pesquisadores, em todo o território nacional, como fator de atualização do conhecimento histórico, seu papel na formação dos jovens pesquisadores. Foi, estamos certos, um programa de alto nível.

De outro lado do mundo, no Toyo-Bunko, a maior biblioteca do Japão, o nosso colega, professor de História das Ciências, Shozo Motoyama, ao identificar nessa mesma biblioteca exemplares da *Revista de História*, teve a oportunidade de captar a opinião do Prof. Kazuo Enoki, historiador de renome internacional:

“Para meus colegas e para nós, professores, que lemos mal o português, a *Revista de História*, a única brasileira que recebemos, vem sendo uma fonte de preciosos ensinamentos. Tive a honra de conhecer o seu ilustre fundador e diretor aqui em Tokyo, que eu já conhecia e respeitava, pois foi ele o organizador do 1º Colóquio Brasil-Japão realizado em São Paulo, em 1966.”

De um brasileiro nato, Deoclécio Reдинг de Campos, ora na direção de uma das instituições mais significativas do mundo civilizado, o Museu do Vaticano, conservamos o seguinte trecho:

“... desejando que não falte o meu nome numa publicação tão importante na vida da Universidade de São Paulo, farei o que for possível para mandar uma breve nota de crítica histórica do Juízo Final de Miguel Ângelo na Capela Sistina”.

Finalmente, a sugestão de um jovem titular da antiquíssima Universidade de Louvain, Prof. Eddy Stols:

“o número jubilar deveria chamar-se *Mélanges* em homenagem ao Prof. Eurípedes Simões de Paula, pela sua obra tão decisiva

e significativa para o desenvolvimento dos estudos históricos no Brasil e no mundo civilizado.”

A todos que também se manifestaram, o nosso “muito obrigada”.

*

A reconhecida modéstia do fundador da *Revista de História*, não nos permitiu publicar aqui o seu retrato, para perpetuar sua imagem física que pertence a todos estes anos de incansável atividade. Não podemos, contudo, nos omitir quanto aos aspectos mais importantes do seu currículo, que de certo modo explicam a existência e a continuidade do periódico de que nos ocupamos.

Vice-Reitor em exercício, por duas vezes, diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, pela quinta vez, e, como tal, membro de várias comissões, preferimos nos ocupar aqui de suas realizações no campo da História, que se desdobram em múltiplas obras pioneiras. Projetaram sua personalidade para além da atividade regular na Cátedra de História Antiga e Medieval, da qual é titular desde 1946, após ter obtido o grau de Doutor em 1942. A cátedra tem sido, para Eurípedes Simões de Paula, uma plataforma que lhe deu a estabilidade profissional necessária para expandir-se, no sentido de criar e dar suporte a outras realizações, que se revelaram de complementação indispensável ao ensino e à pesquisa da História, dentro e fora da Universidade de São Paulo. Vistas em conjunto, na perspectiva do tempo, apresentam um caráter de inconfundível unicidade dentro da multiplicidade, ou seja, revelam o fio condutor de uma existência dedicada exclusivamente à ação de servir, de dar a mãos cheias, ao desabrochar da vocação que deu o lastro de sua especialidade. Sigamos em passadas largas o seu caminho.

Que dizia o fundador da *Revista de História*, ao lançar o seu primeiro número, em 1950, na apresentação sob a rubrica “O nosso programa”? Concretizar o anseio que remontava aos tempos de suas primeiras aulas como assistente do Prof. Braudel,

“de fundar uma Revista destinada à divulgação de trabalhos históricos, não só de professores e assistentes, mas também de licenciados e alunos”. Desejava “oferecer aos estudiosos uma oportunidade de divulgação sistemática, e mais ou menos ampla, dos trabalhos e das pesquisas que o amor ao estudo e a dedicação ao magistério universitário propiciam e orientam.

Supomos que tal divulgação, conquanto não possa corresponder inteiramente aos anseios dos jovens pesquisadores, conseguirá

encoraja-los e estimulá-los, a ponto de os levar à intensificação dos seus labores e ao aprimoramento de sua cultura histórica”.

Eis aí a linha-mestra de ação, que poderá explicar a heterogeneidade do conteúdo da *Revista de História*, que se propunha, desde o seu primeiro número, a ser um ponto de convergência, não apenas dos membros do corpo docente das Faculdades de Filosofia dedicados à História, do qual se podia esperar maior maturidade científica, mas, expressivamente, incluía também licenciados, alunos e os jovens pesquisadores, com o objetivo de encoraja-los e estimula-los. O material científico publicado pela *Revista de História* nestes vinte e cinco anos de vida estão a comprovar que o idealizador cumpriu o programa proposto. Foi além, ao distribuir o periódico, gratuitamente às principais bibliotecas de todo o país, incluindo-se muitas Faculdades de Filosofia que se estabeleceram nos Estados, neste último quarto de século. Pretendia alcançar os estudantes e estudiosos de História, de instituições distantes, proporcionar-lhes instrumental de trabalho, a remediar a carência de bibliografia de que tantas vezes se ressentiam. Professores de ensino secundário de todo o Brasil, egressos das Faculdades de Filosofia, encontraram na *Revista* um veículo de conhecimento no seu campo científico, que significava, não raro, o único recurso à atualização, com o qual podiam contar com regularidade. Deste modo, na *Revista de História*, abeberaram-se gerações e gerações de jovens professores e pesquisadores de História, disseminados por todo o território nacional, graças ao desprendimento do fundador, em obra persistente, silenciosa, tranquila, sem alardes, que poucos conhecem. E, deste modo, em bibliotecas escassamente dotadas, em cidades remotas, no país como no exterior, muitos se surpreendem em encontrar a coleção completa da *Revista de História*, a sua centena de volumes — hoje um monumento, homenagem eloquente ao descortínio do seu fundador e diretor (3).

(3). — Do painel de expedição, reproduzimos os seguintes informes:

Brasil — todos os Estados e Territórios.

Europa: Alemanha Ocidental, Áustria, Bélgica, Chipre, Dinamarca, Escócia, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Inglaterra, Itália, Noruega, Portugal, România, Suécia, Suíça, URSS, Portugal.

Asia: Arábia Saudita, China Nacionalista, Hong Kong, Índia, Israel, Japão, Jordânia e Líbano.

África: África do Sul, Angola, Argélia, Costa do Marfim, Egito, Marrocos, Moçambique, Senegal e Tunísia.

Oceania: Austrália e Nova Zelândia.

América do Norte: Canadá, México e USA.

América Central e Caribe: Costa Rica, Cuba, Panamá e São Domingos.

América do Sul: todos os países.

Sempre fiel aos seus objetivos, a *Revista* ampliou-se para abranger as publicações de trabalhos monográficos de extensão não compatível com a dos artigos geralmente adotada em periódicos; assim desenvolveu-se a “*Coleção Revista de História*”, representada atualmente por sessenta e duas obras de conteúdo histórico.

Mais ainda, dois volumes de índices da *Revista*, focam os números 1 a 40 e 41 a 80, estando em preparo o volume 3º, relativo aos números 81 ao 120. Organizados e montados, com paciência beneditina, pelo próprio diretor e fundador.

As raízes do periódico podem ser encontradas no contexto da fundação da Universidade de São Paulo, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Insere-se na história cultural do país, na contribuição dos mestres europeus para o desenvolvimento científico, com a sua grande significação para a moderna historiografia brasileira. Foi Fernand Paul Braudel que, “na hora certa, soprou ao homem certo”, a idéia de uma *Revista*, nos moldes de *Les Annales*, aberta à História em sua múltiplas abordagens e com o apóio permanente de especialistas estrangeiros. Frente a frente com o mestre, o discípulo predileto, o primeiro assistente, o descendente dos bandeirantes paulistas, arpegiou-se ante o novo desafio. Aconteceu que a semente, lançada em 1937, chegou a florescer 13 anos mais tarde. Tão longa gestação, provavelmente, garantiu maior segurança no traçado das linhas diretrizes que distinguem a *Revista de História*.

Eurípedes Simões de Paula, assumiu a aventura de fundar, dirigir e manter a mensagem braudeliana. E o faz sem anunciar, sem financiamento, sem privilégios, apenas com pequeno número de assinaturas anuais, muitas simbólicas, que não chegam para cobrir a despesa da correspondência e da expedição (4).

A interdisciplinidade, meta da Faculdade de Filosofia, refletiu-se nas páginas da *Revista*, neste quarto de século: firmando-se como um periódico de reconhecida importância na área das Ciências Sociais, manteve-se sabiamente aberta a todas as disciplinas de História. O conteúdo não reconhece fronteiras, não estabelece balisamento.

(4). — Uma ressalva. Em atendendo à exposição da secretária da *Revista*, conseguiu-se, pela primeira e única vez, uma ajuda de custas, da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) para aquisição de papel, durante 2 anos (1963-1964), pois, como se sabe, a entidade não ajuda projetos permanentes. Posteriormente, por decisão do CTA da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, destinou-se uma verba orçamentária para aquisição do papel, reservada a impressão de periódicos e boletins, sob os auspícios dos departamentos da própria instituição.

A tiragem do periódico, inicialmente de 1.000 exemplares, com 126 páginas, passou a 3.000 a partir do nº 49 e alcança, no número 100, o recorde de 880 páginas distribuídas em 2 tomos, por razões técnicas.

Professores e alunos, alunos e professores, auto-didatas e cronistas. Transcrição de artigos e de entrevistas, com o necessário *placet*. Da pré-história ao tempo presente. De acordo com a vertente veiculada pelo maior poeta brasileiro contemporâneo que captou talvez inadvertidamente as perplexidades do historiador diante do presente, o qual vê como amálgama que informa o passado:

“... O tempo é a minha matéria, o tempo presente, o homem presente a vida presente” (5).

Paralela e simultaneamente à idéia da *Revista*, germinou outra iniciativa, a *Sociedade de Estudos Históricos*. Com uma abertura à crítica mais direta, mais crispante. Maior elasticidade dos estatutos, com cláusulas específicas para historiadores e universitários. Re-estruturada em 1950, sob a direção permanente de Eurípedes Simões de Paula e de uma mini-diretoria (secretária, tesoureiro e três membros da comissão consultiva) lamentavelmente não conseguiu acompanhar o ritmo da *Revista de História*. Um dos reflexos da grande crise que envolve as ciências humanas e seus seguidores. Todavia, a análise dos livros de *Atas* — (164 atas aprovadas) faculta atribuir-lhe uma expressiva folha de serviços à comunidade: promoção de 4 (quatro) cursos de férias (1965-1972); excursões dirigidas a sítios históricos dos arredores de São Paulo, identificados pela IPHAN-MEC (Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional do Ministério da Educação). Mesas redondas em conclave congêneres: SBPC-ANPUH (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e Associação dos Professores Universitários de História). Conferências de professores visitantes. Teria fracassado uma instituição que tem na *Revista de História* o seu órgão de promoção?

Concomitantemente, com o voto unânime dos professores universitários de História de todo o Brasil, Eurípedes Simões de Paula vem exercendo, desde 1965, sem interrupção, a presidência da Associação Nacional dos Professores Universitários de História que congrega os professores universitários de todo o país. A entidade tem como objetivo essencial, o debate de comunicações originais com respeito a todas as disciplinas de História, e experiências e iniciativas pioneiras no campo da sua Didática, em nível superior. No exercício de suas funções, o Prof. Eurípedes Simões de Paula preside os Simpósios da Associação, realizados em vários Estados brasileiros, programados bianualmente. Dedicar-se ainda ao preparo e publicação dos respectivos *Anais* dos certames. Estes alcançam agora o número VIII, ao serem impressos os *Anais* do Simpósio de Aracaju (SE) de 1975.

(5). — Drumond de Andrade (Carlos), *Obras Completas*. Rio de Janeiro, 2ª edição, pág. 111, 1974.

Eurípedes Simões de Paula foi o idealizador e fundador do *Setor de Documentação* do Departamento de História da Faculdade. Seu objetivo precípuo é de se constituir em órgão centralizador e de duplicação dos acervos históricos procedentes de outras partes do país, onde teriam pouca ou nenhuma acessibilidade. Revestiu-se ao mesmo tempo de importantes características ao incorporar o que de mais atual e funcional existe no domínio técnico. O *Setor de Documentação*, com seu moderno aparelhamento, tem sido precioso instrumento a serviço dos pesquisadores e dos jovens elaboradores de teses. Estes vasculham arquivos e bibliotecas do país e do exterior, com as máquinas de microfilmagem do *Setor*, têm salvo muitas vezes, da destruição, coletâneas documentais preciosas e vêm enriquecendo, continuamente, o acervo da entidade patrocinadora. Assim, funcionando como verdadeiro laboratório das técnicas de duplicação de documentos, sob a inspiração do seu fundador, ampliou sua atividade para instalar também os cursos sobre técnicas de microfilmagem, de acesso aberto aos interessados.

Todos os dias, por volta das 9 horas, as passadas largas de Eurípedes Simões de Paula marcam o ritmo do trabalho que se inicia na sua Faculdade — cujo edifício carinhosa e oficiosamente foi batizado de “Eurípedes”. Chega e tranquilamente cumprimenta todos com um sorriso largo e companheiro.

Se tem hora pra chegar, o mesmo não acontece na saída. Somente deixa o trabalho quando ninguém mais há para atender, para ouvir, para orientar. Disponibilidade que continua na própria casa, a qualquer hora, e ainda à noite, sempre pronto para receber a quem o procura, emprestar livros, ouvir seus alunos, conviver com sua gente.

Pois, decano do Conselho Universitário, da Faculdade de Filosofia, que viu nascer, aluno da primeira turma, simboliza o *espírito* da instituição no que tem ela de mais autêntico, seja no plano pessoal, a decidir para resolver problemas, seja quando convocado para a II Guerra Mundial, para incorporar-se à Força Expedicionária Brasileira. Era o primeiro assistente do Professor Gagé e, ao ser dispensado, por motivo de dificuldade visual, fez a grande opção, e seguiu mesmo como voluntário. Em regressando, com seis condecorações, algumas por bravura, inclusive a *Croix de guerre avec palmes*, outorgada pelo General De Gaulle, por haver servido como oficial de ligação entre os exércitos francês e brasileiro, em *Susa* (norte da Itália), optou tranquilamente pela carreira universitária. Retomou a tese interrompida e, aproveitando a oportunidade de uma pesquisa nos arquivos marroquinos, apresentou e defendeu a tese de cátedra intitulada: *Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade* (6).

(6). — Antes havia apresentado e defendido com brilhantismo, em 1942, sua tese de doutoramento: *O comércio varegue e o Grão-Principado de Kiev*.

Foi um sucesso dos mais expressivos no campo da historiografia, feito com lastreamento profundo. Veja-se, entre outros, um depoimento sem ressonância na época. É possível que os membros do Conselho Universitário, convocados pelo Magnífico Reitor para receber o presidente do Senegal, Prof. Dr. Leopold Senghor, então em visita oficial ao Brasil, o tenham ainda presente na memória. Os arquivos da imprensa paulista também registraram a visita. Apresentou os votos de boas vindas e saudação dos seus colegas brasileiros o Prof. Eurípedes Simões de Paula (7). O presidente da República do Senegal, no Salão Nobre da Reitoria, ainda do antigo prédio na Cidade Universitária, respondeu à saudação mais ou menos nos seguintes termos:

“Eu havia pensado em visitar um dia esta cidade de São Paulo, e mais ainda esta Universidade, que desde os bancos escolares, na Sorbonne, aprendi a respeitar. Um dos vossos, um dos meus mais lúcidos professores, Roger Bastide, meu mestre, emprestava-me sempre os seus livros, que minha ascendência portuguesa permitia captar. Dentre eles, em minha mesa, durante muitas semanas estudei a tese: *Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade*. Prof. Eurípedes Simões de Paula, é um discípulo que está diante de Vossa Excelência”.

Mas Eurípedes Simões de Paula não parou. Além das teses que obrigatoriamente viriam balisar sua carreira acadêmica, em meio às estafantes tarefas administrativas, aquelas pertinentes à sua atividade de Professor e as demais, relacionadas com as instituições com as quais se manteve ligado, sempre encontrou tempo e inspiração para prosseguir suas atividades de pesquisador e de vulgarizador. A bibliografia de Eurípedes Simões de Paula compreende uma lista impressionante de 60 trabalhos publicados, de inegável interesse histórico.

No substrato de todas as iniciativas, como uma tônica que dá um sentido muito peculiar e inteiriço a todo o comportamento do Prof. Eurípedes Simões de Paula, está o apoio que, invariavelmente, sempre prestou aos jovens. As páginas da *Revista de História* se mantêm inalteradamente acessíveis à divulgação dos trabalhos dos moços, os milhares de volumes de sua biblioteca particular circulam nas mãos de todos os que a ela recorrem; sugestões, orientações sobre pesquisas e cursos, brotam espontaneamente de suas conversas, com simplicidade e despretenção, nem por isso menos preciosas. Com duas exceções, os autores que assinam os trabalhos deste Tomo II, foram todos alunos de Eurípedes Simões de Paula, muitos em vários níveis, pois destes alguns

(7). — “O Estado de São Paulo”, 28 de setembro de 1964.

foram seus orientandos em teses e outros contaram com sua colaboração em bancas de Mestrado, de Doutorado e de outros títulos acadêmicos.

As várias gerações de estudantes e professores que desde 1936 passaram pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em cursos regulares e de pós-graduação, hoje dispersos por todos os Estados brasileiros, teriam a dizer, não apenas de sua atividade didática e de pesquisa, da rotina profissional, mas também, como a mesma se enriqueceu com o interesse pelas carreiras e realizações dos estudantes e orientandos. Não poucas vezes extravasou para os problemas da vida particular, pondo de manifesto, sempre, o calor humano que envolve os seus gestos, em todas as horas. Uma personalidade que os postos de mando e aos quadros administrativos não estreitaram, não fossilizaram na letra de leis e regulamentos, mas lhe proporcionaram, ao longo destas últimas quatro décadas, a oportunidade de acentuar o cunho profundamente humano de que se podem impregnar, sem quebra do conteúdo normativo e disciplinador, para estabelecer laços de estima verdadeira e de admiração pessoal, que transcendem as relações formais de nível burocrático.

Maria Regina Cunha Rodrigues